

## SUPLEMENTO MÍDIAS DIGITAIS

Ano XVIII | Edição 04 | CAMPO GRANDE/MS |  
08/06/2020 a 14/06/2020

CRIANÇAS

# Famílias se adaptam à nova realidade imposta pela pandemia

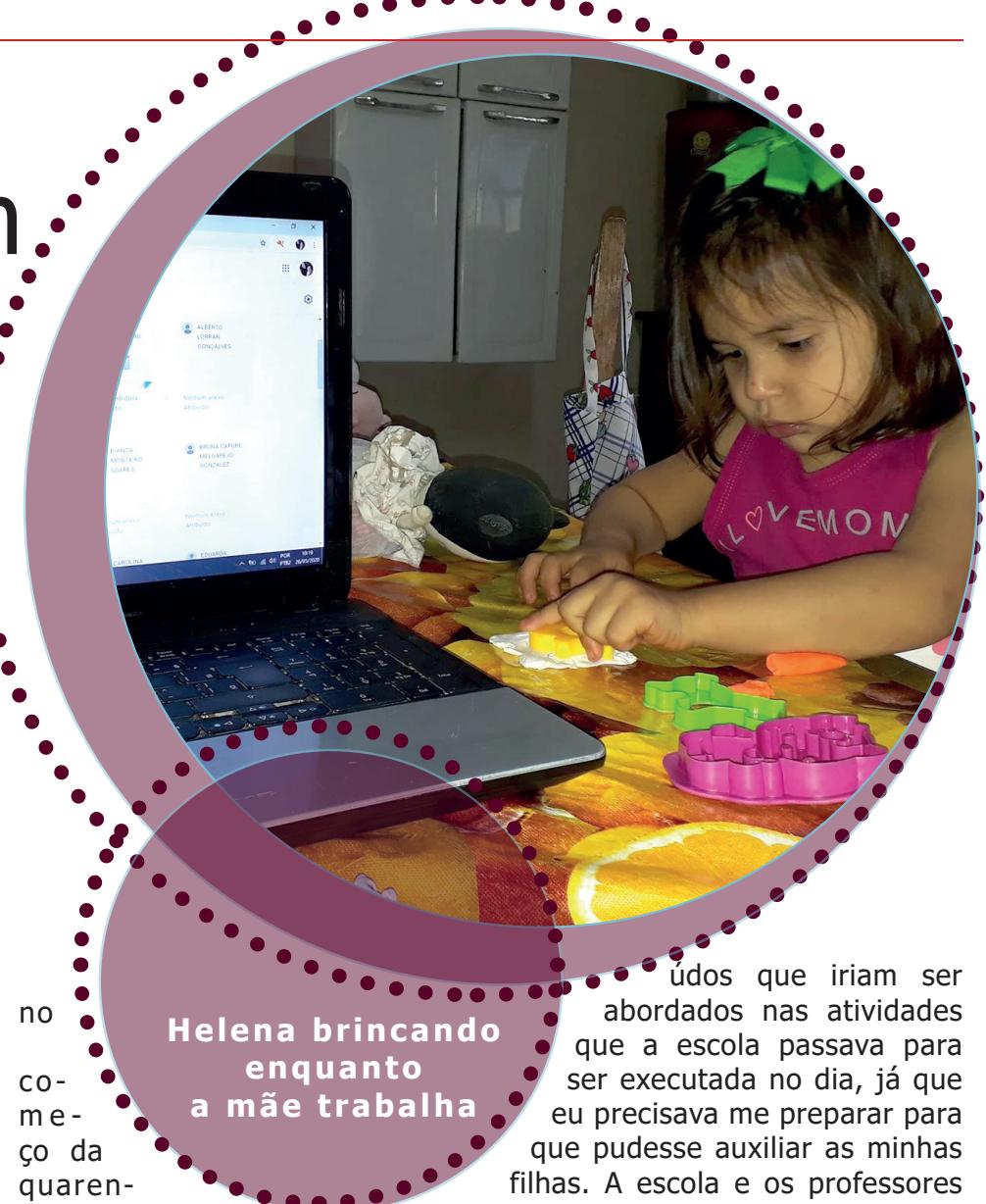
*Isolamento não é férias e as crianças precisam entender isso e se adaptarem a uma nova rotina diferente daquela que tinham antes da pandemia*

CARINE FERRARI

Medo, angústia e stress, esses são alguns sentimentos que vieram com a quarentena, uma das medidas impostas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), para o combate a disseminação da covid-19. As aulas passaram a ser remotas ou foram suspensas, quem pode, trabalha via home office, as saídas passaram a ser planejadas e variam entre ir a uma farmácia ou ao supermercado. Novas rotinas precisaram ser criadas na tentativa de viver diante da nova realidade.

Ana Paula de Macedo, de 37 anos, foi uma das milhares de pessoas que tiveram que fazer algumas mudanças para se adaptar. Divorciada, a advogada e empresária, ficou responsável por cuidar integralmente das duas filhas enquanto o ex-marido e sócio, cuida do comércio da família. "A nossa primeira preocupação foi manter as meninas em segurança e tentamos nos programar de forma que cumprissem as obrigações escolares de modo que não fossem prejudicadas", explicou a advogada.

Ana Paula ainda comenta que



**Helena brincando enquanto a mãe trabalha**

no começo da quarentena havia sido bem difícil conciliar o cuidado das filhas Maria Isabella, de 10 anos e Maria Valentina, de 8 anos, com o trabalho e os afazeres domésticos. "Eu passei a acordar mais cedo do que o normal para começar a cuidar das atividades domésticas e também para dar uma olhada nos conte-

údos que iriam ser abordados nas atividades que a escola passava para ser executada no dia, já que eu precisava me preparar para que pudesse auxiliar as minhas filhas. A escola e os professores foram bem compreensivos, o que ajudou muito", explica.

Na nova rotina estabelecida, o período da manhã ficou definido como o horário de estudo e o da tarde como o horário de lazer das meninas. De acordo com a advogada, além de incluir as filhas na execução de alguns afazeres da casa, uma forma de ocupar o



**Pais precisam  
programar a rotina  
dos filhos para que eles  
consigam desenvolver  
as atividades  
encaminhadas  
pelas escolas**

tempo delas foi realizando brincadeiras e autorizar o uso de eletrônicos por um tempo maior. "Não é fácil ficar em casa com duas crianças ativas, principalmente quando atividades como balé, natação e reforço escolar faziam parte da rotina delas. Acredito que o mais difícil é conseguirmos mantê-las ocupadas, pois moramos em apartamento e elas não podem descer para brincar, por conta das medidas de restrição do condomínio em relação ao combate do coronavírus", relata.

Maria Valentina, a filha mais nova de Ana Paula, diz que tem gostado de ficar mais em casa, mesmo sentindo falta dos amigos e de realizar algumas atividades que fazia antes, como ir ao cinema. "Até que é legal ficar em casa, a única coisa ruim é que não podemos sair para passear. Mas, eu posso brincar com a minha irmã e, mesmo sentindo falta da escola, meu pai e minha mãe conseguem nos ensinar porque eles já aprenderam tudo isso, o que é bem legal", comenta a garota.

Diferente da irmã, Maria Isabella, contou que vivenciar esse período de quarentena tem sido meio entediante, mas que entende de que é necessário para que as coisas possam melhorar, principalmente porque possui familiares que fazem parte do grupo de risco. "Eu sinto falta de ir para a escola, poder sair e brincar com meus amigos, mas para diminuir essa saudade a gente conversa por vídeo-chamada. Sei que daqui a pouco vamos poder voltar a nos ver", revela a estudante.

A psicóloga, Alessandra Laudelino Neto, explica que é normal que as crianças estranhem essa mudança e sintam falta dos espaços de socialização que tinham antes. "No início, pode parecer férias antecipadas. Mas é esperado que as crianças questionem, fiquem mais sensíveis, tensas e até apresentem comportamentos não habituais, como crises de irritação ou regressão no desenvolvimento, em relação a falta do convívio social ampliado que a escola, por exemplo, pro-

porciona", esclarece.

Alessandra ainda ressalta que para tornar esse processo menos doloroso para as crianças, é necessário que os pais compreendam que cada indivíduo tem um tempo e uma maneira única de se ajustar a algo que não está acostumado a vivenciar. "Para a criança, é necessário passar por esses momentos com segurança, afeto, confiança e apoio. Porém, aos pais, cabe serem tão-somente 'suficientemente bons', ou seja, evitar as idealizações da maternidade e da paternidade perfeita", defende.

E foi assim que a professora de português, Nathalia Nascimento Nolasco, de 29 anos, conseguiu adaptar sua filha de dois anos, Helena, ao período de quarentena. "No começo do isolamento foi bem complicado. Antes da quarentena a minha casa era somente meu local de descanso e meu tempo em casa, era destinado cem por cento a minha filha. Foi um pouco difícil para ela entender que em alguns momentos eu precisava trabalhar e não iria conseguir brincar com ela. Foi difícil até para mim", desabafa Nathalia.

Questionada em relação ao entendimento da filha em relação a quarentena e a Covid-19, a docente evidenciou que em nenhum momento pensou em não explicar o que estava acontecendo. "Apesar de ser muito nova, talvez Helena não consiga entender a complexidade da situação, mas a gente explicou para ela de uma forma que ela conseguisse entender, além de ensinar os há-

bitos de higiene necessários no combate ao vírus. Acho que o que facilitou todo esse processo, foi que antes da suspensão das aulas, a escolinha que ela frequenta tentou ensinar de forma lúdica sobre a doença, o que eu achei bem legal", explica a educadora.

De acordo com a psicóloga Alessandra Laudelino Neto, as crianças conseguem absorver todas as informações que acontecem ao seu redor e é necessário que ocorra uma explicação, já que o não-dito pode causar tensão. Ela ainda dá dicas de como os responsáveis podem abordar o assunto com os filhos: "para os menores, uma conversa lúdica sobre esse momento, com a possibilidade de expressão pelo desenho, seria a forma mais adequada. Já com as crianças maiores, é recomendável partir das dúvidas que elas possuem, suas percepções do coronavírus e do distanciamento e, suas expectativas. Em ambos os casos, a conversa deve pautar, também, as possibilidades que temos de nos cuidar neste período e do cuidado que devemos ter com o outro", argumenta.



# EXPEDIENTE

## **Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**

Ano XVIII - nº 04 – 08/06/2020 a 14/06/2020

**Obs.:** As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

**Chanceler:** Pe. Ricardo Carlos

**Reitor:** Pe. José Marinoni

**Pró-reitoria de Graduação e Extensão:** Dra. Rubia Renata Marques

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Dr. Cristiano Marcelo Espíndola

**Pró-reitoria de Desenvolvimento:** Me. Gillianno Jose Mazzetto de Castro

**Pró-reitoria de Administração:** Ir. Herivelton Breitenbach

**Pró-reitoria de Pastoral:** Pe. Idenilson Lemes da Conceição

**Coordenadora do curso de Jornalismo:** Inara Silva

**Jornalistas responsáveis:** Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Inara Silva DRT-MS 083

**Repórter:** Carine Ferrari

**Revisão, títulos e fios:** Jacir Alfonso Zanatta

**Marca Gráfica:** Rodrigo dos Santos Machado (Acadêmico de Design/UCDB)

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Maria Helena Benites

**Tratamento das Imagens:** Maria Helena Benites

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

EmFoco On-line: [www.ucdb.br/journalismoucdb](http://www.ucdb.br/journalismoucdb)

E-mail: [ojournalismoucdb@gmail.com](mailto:ojournalismoucdb@gmail.com)

Canal Youtube: Jornalismo UCDB